



ROCHA, Christina; VÁSQUEZ, Manuel A. (orgs.). *The diaspora of Brazilian religions*. Leiden e Boston, Brill, 2013, ISBN 978-90-04-23694-3, 391 p.

*Steven Engler**

Este livro é de grande importância, sendo o primeiro a tratar especificamente de movimentos diaspóricos entre as religiões oriundas do Brasil. Os organizadores, Christina Rocha (University of Western Sydney, Austrália) e Manuel A. Vásquez (University of Florida, EUA) reúnem quatorze capítulos escritos por acadêmicos brasileiros e estrangeiros, que descrevem a exportação de três grupos de religiões: os pentecostais brasileiros, as religiões afro-brasileiras e os novos movimentos religiosos de origem brasileira.

A Introdução escrita pelos organizadores ("O Brasil na nova cartografia global da religião") já é um texto importante em si. Traz seções sobre o contexto econômico brasileiro como fator relacionado à emigração, as principais vertentes da emigração do Brasil, a globalização em geral e o campo religioso brasileiro nesse contexto internacionalizado. Esta última seção integra um resumo dos capítulos.

Clara Mafra, Claudia Swatowski e Camila Sampaio – em seu capítulo, "O projeto pastoral de Edir Macedo: uma rede pentecostal globalmente integrada" – discutem (com referência ao Brasil, a Portugal e a Angola) as características da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) que facilitam sua expansão global. Dois fatores se destacam: o jogo de cintura face aos membros e aos concorrentes. Comparada com outros exemplos de expansão evangélica, a IURD é "mais complexa em termos da interação entre as afiliações fortes e fracas" (p. 47). E os seus líderes entendem que, "para que a teologia da prosperidade seja sustentável na época neoliberal, os constrangimentos regionais que limitam o acesso aos benefícios da modernidade têm que ser quebrados com certa agressividade" (p. 59).

O Capítulo 2 (Igrejas brasileiras em Londres: o transnacionalismo do meio, por Olivia Sheringham) estuda as experiências de líderes religiosos em duas igrejas londrinas, uma evangélica e outra católica. A conclusão é de que as igrejas e os seus líderes apoiam os imigrantes brasileiros de maneira enraizada no contexto local, porém responsiva aos fatores transnacionais. De fato, essa conclusão é bem pouco surpreendente. A análise seria mais produtiva se trabalhasse com uma relação mais dinâmica e menos dualista entre os conceitos de local e global.

* Professor de Estudos Religiosos da Mount Royal University, Calgary, Canadá

No capítulo "O 'ovo do diabo': jogadores de futebol como novos missionários da diáspora das religiões brasileiras", Carmen Rial trata da "associação vantajosa" entre o futebol e a religião (p. 101). Os conceitos de "religião" e "sagrado" escapam um pouco de uma definição nítida, deixando um tanto "impressionista" a discussão em certos pontos. Mas o capítulo fornece detalhes riquíssimos orientados por um diálogo com a literatura sobre as relações entre o esporte e a religião. Rial oferece um tratamento competente e sensível sobre um assunto fascinante.

Dario Paulo Barrera Rivera escreve um capítulo sobre "O pentecostalismo brasileiro no Peru: as afinidades das condições sociais e culturais entre migrantes andeanos e a *worldview* da igreja pentecostal 'Deus É Amor'" (sendo uma revisão de um artigo já publicado em *Estudos da Religião*). Ele discute vários fatores na cultura andina – e no contexto urbano dos migrantes andinos dentro do Peru – que resultam na "glocalização" da Deus É Amor naquele país (p. 135). A mais importante contribuição desse primoroso capítulo é a sua ênfase no papel da língua (especificamente, o "portunhol" dos pastores brasileiros) na adaptação desta igreja no seu contexto diaspórico.

Brenda Carranza e Cecília Mariz – "Catolicismo de exportação: o caso da Canção Nova" – primeiro descrevem o movimento carismático brasileiro em termos gerais. Isso contextualiza uma excelente discussão das estratégias e das redes intra-eclésiásticas dos missionários da Canção Nova no exterior: "o Brasil ... está se tornando uma força central na revitalização global do catolicismo... [A Canção Nova] tem juntado uma quantia impressionante de recursos humanos e materiais para exportar um catolicismo carismático midiaticizado..." (p. 160).

O sexto capítulo ("Umbanda e batuque no Cone Sul: transnacionalização como fluxo religioso internacional e campo social") é mais uma discussão magistral desse assunto por Alejandro Frigerio. Destaca-se uma distinção entre duas fases de transnacionalização: "primeiro, a circulação de pessoas e crenças além das fronteiras nacionais e, depois, o estabelecimento de um campo social composto de uma variedade de redes que transcendem as fronteiras nacionais" (p. 192).

O Capítulo 7 ("Pretos Velhos além do Atlântico: religiões afro-brasileiras em Portugal", por Clara Saraiva) investiga a centralidade do corpo e da cura em terreiros da Umbanda (e, secundariamente, do Candomblé) em Portugal. A discussão sobre a atratividade das religiões afro-brasileiras para os portugueses sofre um pouco pelo fato de a autora reproduzir, em vez de interpretar, os termos das pessoas entrevistadas: a Umbanda e o Candomblé "abrem um novo modo de sentir o próprio corpo de uma maneira mais holística, autêntica, mais ligada à natureza e com uma espiritualidade na qual se sente uma conexão mais direta com o mundo sobrenatural" (p. 219).

Em seu capítulo, "Autenticidade Transnacional: um templo umbandista em Montreal," Deirdre Meintel e Annick Hernandez exploram, de maneira detalhada e

bem contextualizada, a globalização do Templo Arán, uma organização umbandista paulistana. De grande valor são tanto o tratamento do conceito de "autenticidade transnacional" quanto a discussão das relações internacionais entre os templos (especialmente, Geneva-Montreal).

A contribuição de Ushi Arakaki é excepcional ("Brasileiros japoneses entre pretos-velhos, caboclos, monges budistas e samurais: um estudo etnográfico da umbanda no Japão"). Trata-se não somente de uma descrição da Umbanda nesse contexto nacional (com devida atenção à literatura sobre a origem e o desenvolvimento da Umbanda no Brasil), mas de uma análise sólida da situação dos *Nikkeijin* no Brasil e no Japão. A afirmação chave é que a Umbanda ajuda os *Nikkeijin* brasileiros a renegociarem as suas identidades no seu novo contexto diaspórico.

O Capítulo 10 ("Mora Iemanjá? axé na capoeira regional diaspórica," por Neil Stephens e Sara Delamont) investiga a papel de "axé" em grupos de capoeira na Inglaterra. Os resultados da investigação concordam com os professores de capoeira: neste contexto, o conceito de "axé" tem pouco ou nada a ver com o Candomblé. Portanto, esse capítulo não se encaixa bem no livro. Outro problema é a ausência de citações da literatura brasileira, sendo que os autores não leem o português.

Cristina Rocha, em seu capítulo ("Construindo uma comunidade espiritual transnacional: o movimento João de Deus na Austrália"), descreve este movimento brasileiro de cura e a sua transnacionalização no contexto australiano. Ela enfatiza as correlações entre certas ideias do movimento – por ex., "energia" e "corrente" – e as conexões sociais e rituais entre os dois países. Salienta a importância das "hibridizações" que introduzem dimensões locais aos movimentos transnacionais.

Em mais uma contribuição importante ao livro ("Vale do Amanhecer em Atlanta, Geórgia: negociando a incorporação e a identidade de gênero na diáspora"), José Cláudio Souza Alves e Manuel A. Vásquez afirmam (fazendo eco ao capítulo do Arakaki) que "o Vale do Amanhecer oferece aos imigrantes brasileiros um jeito de dar significado aos riscos e às contradições do processo da imigração" (p. 314). Destaca-se a interpretação das crenças e práticas do Vale em termos da literatura sobre messianismo/milenarismo no Brasil.

Outro capítulo poderoso: Anthony D'Andrea escreve sobre "A globalização 'nicho' de Projeciologia: a cosmologia e a internacionalização de uma paraciência brasileira." D'Andrea conclui que "a Projeciologia expressa e amplia fatores novos e antigos na sociedade e na cultura religiosa brasileiras: uma herdeira direta da crença nacional na comunicação espiritual, ela enfatiza uma visão racionalista, mantida tradicionalmente pelos elites modernizadores" (p. 341). Em contraste com a globalização homogênea, esse movimento expande pela globalização um 'nicho' que "envolve audiências, canais e esforços de tradução bem específicos" (p. 359).

O Capítulo 14 (Chaves transculturais: humor, criatividade e outros artefatos relacionais na transposição de uma religião ayahuasqueira brasileira aos Países Baixos, por Alberto Groisman) descreve rituais entre os ayahuasqueiros holandeses. A contribuição etnográfica tem grande valor. O capítulo é um pouco prejudicado, porém, por ideias teóricas ultrapassadas e mal integradas, que oferecem pouca alavanca interpretativa (Bakhtin, Mauss, Huizinga, Geertz, Turner, Douglas). O valor do capítulo para o leitor é diminuído, também, pela falta de citações de trabalhos pertinentes (por ex., não há referências a Bia Labate ou Andrew Dawson – falta até a menção de outra obra importante sobre estes mesmos grupos na Holanda¹).

Mesmo sendo caro demais para os leitores individuais (€136.00), esse livro seria de grande valor para qualquer biblioteca que mantém coleções sobre a religião, a globalização e/ou a cultura brasileira. Como qualquer livro, ele tem alguns pontos fracos. Não seria possível, obviamente, tratar de todos os movimentos pertinentes em um livro só. Mas sentimos a falta de um capítulo que trate do Kardecismo no exterior. Muitos capítulos não ultrapassam a mera descrição. Outros tentam aplicar ideias teóricas, mas de forma mal sucedida. Outros ignoram demais (ou até totalmente) a importantíssima literatura nacional sobre esses movimentos. De vez em quando, alguns capítulos têm problemas com a gramática e o sintaxe inglesas. Mas, apesar de certa irregularidade em relação ao êxito dos capítulos, o livro é uma fonte rica de materiais sobre esse importante tema.

A coletânea marca um momento significativo. Ela oferece pela primeira vez um olhar geral sobre as tradições brasileiras contemporâneas nos seus contextos internacionais. O livro deixa claro – ao menos, para os cientistas da religião no exterior – uma coisa que os estudiosos brasileiros reconhecem há décadas: atualmente, o Brasil é mais um produtor de que um consumidor de movimentos religiosos.

Recebido: 31/11/2013

Aprovado: 15/12/2013

¹ HANEGRAFF, W.J. Ayahuasca groups and networks in the Netherlands – a challenge to the study of contemporary religion. In: Labate, B. and Jungaberleeds, H. (orgs.) *The Internationalization of Ayahuasca*. Berlin, Lit, 2011, pp. 85-103.